

A ESCOLA E O LUGAR DA (NÃO) VIOLÊNCIA

MARIANA CAVALHEIRO LEGORIO¹; LUIZ ALBERTO BRETTAS²; MARIA SIMONE DEBACCO³

¹ Universidade Federal de Pelotas – marianalegorio@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – l.a.brettas@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – msdebacco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ataque a uma escola em Blumenau mostra-nos, de modo estarrecedor, a intensificação da violência no espaço educacional. Diante da preocupação com esse problema, que, de acordo com pesquisas do Datasenado, aflige 90% dos brasileiros, nos propomos problematizar a temática. Já que, na condição de estudantes Residentes do Programa Residência Pedagógica do Subprojeto Pedagogia, ano 2022, estamos, semanalmente, acompanhando o trabalho educativo dos anos iniciais em seis escolas da Educação Básica, observando os professores preceptores, ministrando aulas e assistindo às crianças em suas atividades na área das Ciências e da Matemática. E por esse envolvimento, nessas escolas, surgiu o interesse em refletir sobre o papel da instituição escolar neste cenário, que compreende exposições à violência, de alunos e professores. Por vezes, percebendo que são atitudes que partem dos próprios discentes.

O assunto causa-nos inquietação por considerarmos um tema de extrema relevância e, também, porque é possível presenciar ações ‘de agressividade’, como um tipo de ciclo afrontoso, que parece resultar de um aprendizado que se estabelece no dia a dia. Os questionamentos que surgem sobre o modo como tal comportamento se instala nas relações pedagógicas são respaldados por alguns teóricos, como o psicólogo Burrhus Frederic Skinner (2003) e o pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott (1999). Perguntamo-nos, hipoteticamente, sobre essas condutas como uma extensão de uma realidade familiar/social. As leituras de Winnicott (1999) auxiliam na compreensão de que relações entre crianças e adultos, para além de suprir necessidades físicas (ex. alimentação, higiene), também, as educam quanto aos modos de se relacionar, possibilitando a repetição, de comportamentos observados com a família, na escola que frequentam.

Entretanto, do mesmo modo que um sujeito aprende essa maneira de se manifestar com os que a cercam, entendemos que outras maneiras de comunicação e expressão podem ser desenvolvidas. Por isso, embora não sendo um papel exclusivo da escola, é preciso pensar a partir dela em alternativas ao enfrentamento dessa violência, que é presentificada como uma real falta de educação. Encontramos, no trabalho de Marshall Rosenberg (2006), com a teoria da comunicação não violenta, uma possibilidade para uma formação humana pautada no diálogo e escuta, colaborando com um espaço de respeito e fraternidade, e esperançando no ato, como afirma Paulo Freire (1996), com uma sociedade mais empática e respeitosa.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica envolveu fontes como livros, artigos, e publicações de autores referência para o tema. Contando, também, com problematizações

feitas nas reuniões semanais do grupo residente, que partem de situações observadas nas escolas que integram o Subprojeto de Pedagogia do PRP.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como dito anteriormente, todo comportamento pode ser aprendido. Assim, refletindo sobre como ou onde atitudes violentas se estimulam, temos por objetivo repensar sobre a coparticipação de todos os sujeitos que atravessam a formação de outrem, incluídos aqueles que dão corpo à escola, sem desconsiderar a influência do contexto cultural, social e familiar da criança na sua constituição.

Por seguinte, refletindo sobre uma escola tradicional, onde o controle dos corpos é a ferramenta principal, pontuamos os conceitos de violência subjetiva e simbólica. O atilho entre violência e controle, na perspectiva de Foucault (1987), pode ser compreendida como uma forma sutil e eficaz de manter relações de sujeição à ordem, à disciplina e ao poder, cuja finalidade é “criar” corpos dóceis, dentre outros comportamentos.

Primeiramente, cabe pontuar que violência não é apenas agressão física, Telma Abrahao (2023) apresenta outras formas, como:

1. Dar tratamento de silêncio quando uma criança comete um “erro”;
2. Fazer ela se sentir culpada pela sua falta de controle emocional;
3. Negligenciar necessidades emocionais por afeto, pertencimento e atenção positiva;
4. Criticar, comparar e humilhar;
5. Ofender e não buscar reparar os danos, como pedir desculpas e compreender como a criança se sente;
6. Deixar elas sozinhas chorando para “aprender”.

Obstante, caracterizamos como violência subjetiva “a forma mais visível e designa a violência exercida por agentes sociais determinados, como indivíduos considerados malévolos, aparelhos repressivos disciplinados (Bispo e Lima, 2014, p. 3).” Já, a violência simbólica:

“apresenta-se de forma mais sutil nas palavras, nomeações, classificações e formas de utilização da linguagem, não sendo, muitas vezes, reconhecida como violência, mas produzindo efeitos de forma mais insidiosa. Devido a esse caráter de invisibilidade, o agente da violência também se torna mais difuso, o que dificulta a sua superação. Se, em muitas ocasiões, a escola é o lugar onde se podem almejar transformações positivas no uso social da linguagem, justamente por ser um lugar de transmissão e crítica da língua, em outras ocasiões, a própria dinâmica escolar pode reforçar, em suas práticas disciplinares e administrativas, a proliferação desse tipo de violência. (Bispo e Lima, 2014, p. 3)”.

Desse modo, e considerando que todos esses pontos podem produzir nossas expressões e maneiras de nos comunicarmos, é substancial que pensemos sobre como nossa fala pode atingir, intimidando, o outro. Isto é, particularmente, importante para aquela criança que está no processo de descobrimento de si e do mundo enquanto se reconhece. É difícil questionar e se ver na posição de alguém que fere, visto que, nossa maneira de se portar, também, é atravessada por uma série de fatores, os quais vêm desde as experiências com nosso próprio núcleo familiar até a escola e/ou trabalho,

podendo estender as nossas atitudes como algo natural e automático, sobre o que, por vezes, sequer refletimos.

Assim, faz-se urgente pensarmos que essa criança negligenciada, de acordo com Telma Abrahao (2023), “pode tornar-se agressiva por medo, defesa, carência, por necessidades de afeto, compreensão e segurança não atendidas”.

Precisamos observar a ambiguidade que atravessa esse comportamento, já que, mesmo a criança tendo uma atitude vista como negativa, ela pode estar expressando, assim, um pedido de socorro. Torna-se evidente a responsabilidade que temos, como docentes, na formação do outro, o que nos faz observar, ainda, o quanto a escola, como um agente social tradicional, institui momentos como “chegada”, “merenda”, “recreio”. Desta maneira, normatizando uma infância, que deve ser vivida em plenitude, a escola determina, de forma imperativa, através de um currículo, sutilmente, quais espaços são para o corpo, quais são para brincadeira e quais são para investigação de si e do mundo.

Dito isto, podemos pensar naquela criança que, exposta ao cenário de violência em seu contexto familiar, tem todos esses reforçadores no ambiente escolar, já que frequentar a escola não garante o atendimento às expectativas que nesse sujeito, foram colocados.

Dessa forma, esse estudo quer provocar uma auto reflexão sobre o que realmente pesa, durante uma formação escolar que se intitula humana. O que ou a quem essa formação irá atender? Considerando um currículo que prevê o desenvolvimento de habilidades e competências, que tem como principal objetivo formar para o mercado de trabalho, enquanto questões ligadas aos aspectos de saúde emocional são invisibilizadas, assuntos como violência escolar, conseqüentemente, parecem perder o peso que necessitam para a concretização de ações humanizadoras. Entretanto, pensamos que, mesmo não sendo papel exclusivo da escola, esse espaço compreende um compromisso com a sociedade, quando formada por docentes que prezam e defendem uma educação formativa em integralidade. É nesse universo onde, muitas vezes, a criança encontrará segurança para expressar aquilo que, em seu lar, se apresenta com hostilidade e agressão. A escola pode sim, ser este lugar escolhido para uma demonstração de afeto ou de vulnerabilidade.

4. CONCLUSÕES

Todos os pontos elencados fazem-nos perceber a necessidade de compreendermos e discutirmos sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento infantil. Entendendo que é imprescindível que o professor acolha e se solidarize com aquela criança que demonstra seu sofrimento, e a ajude diante de uma frustração.

Cabe-nos colocar, ainda, que, ao perceber a realidade desse aluno exposto ao cenário de violência, mas não limitando tal reflexão apenas a ele, a teoria da comunicação não violenta que surge como uma grande aliada, ao momento em que o professor estará apresentando diferentes maneiras de se expressar, sem precisar gritar ou agir com fúria. Ações adequadas podem oferecer ao aluno um espaço, no qual é possível conviver e resolver conflitos com uma conversa respeitosa e amigável. Finalizamos nossa reflexão com a convicção de que educar não é apenas esperar que a criança corresponda às

nossas expectativas, mas contribuir para que a mesma tome decisões em que prevaleça o bom senso, mesmo quando não estivermos por perto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SKINNER, F. B. Ciência e comportamento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WINNICOTT, D. W. Os bebês e suas mães. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROSENBERG, M. B. Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

ABRAHAO, T. Instagram: telma.abraha. Acessado em 12 de setembro de 2023. Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CvM0yV_gRRG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D

BISPO, F. S. e **LIMA**, N. L. A violência no contexto escolar: uma leitura interdisciplinar. *Educ. Rev.* [online]. 2014, vol.30, n.02, pp.161-180.

Instituto de Pesquisas Data Senado. **Violência nas escolas**. Senado Notícias, Brasília, 04 de julho de 2023. Acessado em 10 de agosto de 2023. Online. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/temor-de-violencia-nas-escolas-atinge-90-dos-brasileiros-aponta-datasenado>

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/quase-7-milhoes-de-brasileiros-sofreram-violencia-no-ambiente-escolar-nos-ultimos-12-meses>